

RESPOSTA AO QUESTIONARIO SOBRE DIMENSÃO SOCIAL

PREMISSA. Antes de tudo gostaria observar que desde séculos não existe dimensão social na literatura eclesial, na liturgia, na pregação e, ainda menos, no direito canônico. O novo código de d.c. (1981) dedica aos pobres somente um cânon e meio sobre cerca de 2.500. Por que? Desde a época de Constantino a Igreja se sentiu obrigada a pensar ao céu e às almas, devendo deixar a terra completamente na mão do imperador. Se a Igreja tinha um serviço social a cumprir era aquele de submeter os povos às exigências do governo imperial e submeter não tem nada a ver com a justiça social. Provavelmente submeter anda em linha oposta à da justiça social. Se ao longo dos séculos podemos encontrar milagres de dimensão social, como por ex. no caso de Bento, Francisco, Vicente ou João Bosco, tudo isso foi devido a uma inspiração de fundo que é própria do cristianismo e que, independentemente da doutrina e da pastoral ordinária, emerge onde quer ou onde pode. Ao máximo na Igreja se ensina a caridade no sentido de socorro e de esmola ou de bom coração. O entusiasmo de Gilberto Freire pelo carinhoso catolicismo popular luso/brasileiro se limita a registrar o pano de fundo acima acenado mas não consegue desmentir pelo 10% os graves abismos sociais que atormentam a história e a atualidade do mundo cristão todo, católico e não. Lembremos um famoso pronunciamento de S. Pio X: "Deus quer os ricos e os pobres e quem não aceita esta situação anda contra a vontade de Deus". O que equivale a dizer que Deus em pessoa não quer a justiça social.

1. Como xaveriano percebi a existência de uma problemática social no Brasil somente após 10 anos de permanência no país (1966/76). Sem ter visto o Brasil de perto, mais nas periferias de Belém que nos interiores do Pará, nunca teria chegado à sensibilidade social que tenho hoje. Mesmo assim não posso dizer que tenho condição de me opor à tal situação com eficácia e com meios apropriados. O meu trabalho contra a injustiça social é assistemático, ocasional, mais afetivo do que científico, mais moral do que teológico, mais por princípio que por programação. Em modo particular me dedico ao social no trabalho durante a semana, na pregação festiva e no ensino filosófico/teológico reservado aos futuros padres e religiosos. Desde pelo menos trinta anos crio e acompanho atividades sociais de tipo promocional/assistencial e me pergunto o que é que poderia fazer a mais.
2. Nada na Igreja foi pensado em função de agredir a injustiça social e de criar um aparato social que possa dizer-se de acordo com o chamado cristão ou com os mais conhecidas orientações evangélicas. Os próprios sacramentos todos são vistos, ensinados e praticados em função de uma salvação pessoal com destino ao céu em vez que em vista de uma

salvação social com destino ao Reino de Deus na terra. Em toda a Igreja que conheço –Europa, Américas e África- não encontro algo de pensado e estruturado em função de uma transformação social possível. Diria que as coisas andam precisamente em sentido oposto. A própria estrutura básica da Igreja é antissocial, antidemocrática e contrária a tudo o que é responsabilidade, igualdade e fraternidade. Em suma, uma árvore antissocial desde às raízes não pode produzir frutos sociais. Acho que a maior dificuldade para chegarmos ao social cristão se encontra dentro da própria Igreja e, então dentro da teologia, da pastoral, do direito, do governo, das tradições e dos projetos para o futuro. Aceno somente as montanhosas diferenças que existem na Igreja entre Hierarquia e povo, entre clérigos e leigos, entre homens e mulheres, entre comandantes e submissos. Por que a Igreja conseguiu condenar todo comunismo e todo socialismo e não o capitalismo? Por que a Igreja é um formidável e insuperável exemplo de capitalismo quanto a poder, direito, legislação, privilégios, sistema e programação. Nietzsche dizia que os sepulcros de Deus eram as igrejas da sua época e de sempre.

3. Não acredito que, frente ao desconcertante panorama eclesial que conhecemos, existam lugares e modos de preferência para enfrenta-lo e/ou endireita-lo. Em qualquer lugar do mundo a Igreja é abismo de contradição igual e repetida ao 100% e em qualquer lugar do mundo se pode tomar consciência do seu estatuto inadmissível, começando a imaginar o que de novo e de diferente se poderia por em campo, a condição que se fique numa linha evangélica de exigente caridade e justiça. Ao mesmo tempo não desprezo a possibilidade das ordens religiosas introduzirem nos costumes cristãos o que, de acordo com o evangelho, é próprio e específico de cada uma. Sob este ponto de vista aconselharia os xaverianos a proceder em duas direções. Na direção do internacionalismo, da fraternidade universal e do diálogo entre culturas e religiões e na direção da transformação social, ensinando e praticando democracia, responsabilidade, igualdade de direitos e de deveres e comunhão dos bens. Concluindo não posso me esquecer de acenar à linguagem religiosa tradicional inclusa a litúrgica e a catequético/moral. Todas estas linguagens ignoram ou procedem contra a problemática social. Faço um exemplo só. Se Jesus morreu e ressuscitou em vista de um mundo diferente, mais justo e mais fraterno, de nenhuma maneira este horizonte aparece dos textos litúrgicos, catequéticos e morais da semana santa e de todo o período pascal.

(Savino Mombelli, no Pará desde 1966).